

# RISO

MUNDIAL

1 Esc.



O BALOIÇO, PARA ELA, ERA TUDO

# LEIA NESTE NÚMERO

...UM ARTIGO SENSACIONAL DO FAMOSO HUMORISTA ESPANHOL ENRIQUE JARDIEL PONCELA — O AUTOR DE «AMOR ESCREVE-SE SEM AGÁ»;

...UMA PEÇA SATÍRICA DE COURTELINE — UM NOME QUE NÃO NECESSITA DE APRESENTAÇÕES;

...UM ARTIGO DE EUSÉBIO BLASCO — OUTRO GRANDE HUMORISTA INTERNACIONAL.

...UM CONTO DE...

...UM CONTO DE...

...UMA SECÇÃO DE...

ETC., ETC.

# NÃO LEIA NESTE NUMERO

...AS COTAÇÕES DA BOLSA;

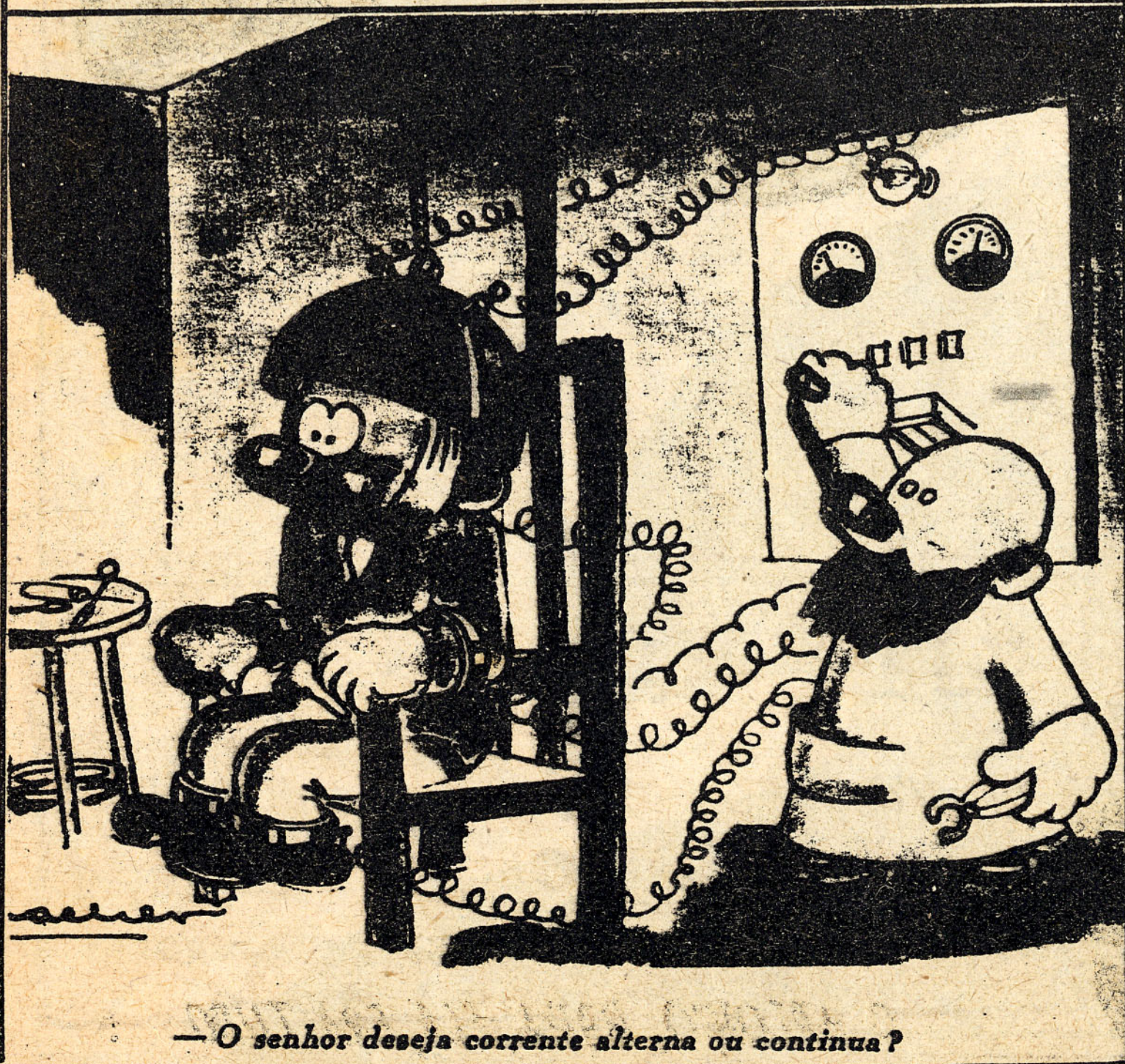
...A LISTA DA LOTARIA;

...A CRISE INTERNACIONAL;

...O DISCURSO DO EVARISTO;

...O ANUÁRIO COMERCIAL

Pode começar a leitura



— O senhor deseja corrente alterna ou continua?

## RISO MUNDIAL

N.º 34 \* 16 DE MARÇO DE 1948

Director (interino) e proprietário: Jerónimo Piteus de Sousa

Editor (interino): José Roussado Pinto

Redactor Principal: Fernando dos Santos (Santos Fernando)

Redacção e Administração: Rua de Sant'Ana á Lapa, 15

Composição e impressão: Edições «O Mosquito», Lda.

Distribuidor geral: Editorial Organizações, Lda., Largo

Trindade Coelho, 9, 2.º — Telefone 27507 — LISBOA



— Foi a unica maneira de fazer com que ele tomasse banho.



— O quê? Conseguiste caçar isso tudo só com dois cartuchos?

— Chiu! Eu tenho o segredo da bomba atómica!

# LÊR NO "CAFÉ" ...

— por SANTOS FERNANDO

**L**ER no «café» tornou-se uma arte difícil e complicada. Para aqueles que gostam, como eu, de se deliciar com um bom livro — enquanto da xícara o vapor do líquido que deu o nome à casa, se perde no ar; enquanto o barman estabelece misturas, e o criado dá a volta ao mundo num espaço tão pequeno, ao cabo de alguns anos — isso torna-se impossível, no «café».

É delicioso, como peixe no aquário, embrenharmo-nos na leitura, religiosamente.

Mas, dum momento para o outro, há um velho ou novo conhecimento que chega. Quer saber da nossa saúde, para se tornar agradável. Deseja saber se a Joana já se casou. E, quando lhe respondemos que estamos menos mal muito obrigado ou que a Joana se casou sim senhor, senta-se, sem pedir licença e prepara-se para uma estadia considerável. Chama o criado. Então, torna-se-nos impossível continuar a ler.

Mas, ele, muito delicado — dando-se ares de 1.º oficial de secretaria que concede 5 minutos ao amanuense —, diz-nos:

— Não se prenda, não se prenda! Faça de conta que não estou aqui, continui a ler.

Desculpamo-nos, sorrimos aliviados e, quando fazíamos ideia de recomeçar a leitura, o nosso «hóspede» dispara outra pergunta. Por exemplo, porque razão o doce de membrillo não é feito de tangerina ou os cavalos não usam pneumáticos em vez de ferraduras.

Quase com ódio, num misto de comiserção, respondemos o que se nos afigura menos lógico. Depois, volta-se à leitura. O importuno puxa dum jornal e tenta fazer as palavras cruzadas.

— Um sinónimo de contrafé? Com o pior humor possível, articulamos, para ver se nos deixa:

— Infecção estafilócócica. E, quando julgamos que ele ao reparar na chalaça vai bater com o jornal na mesa e sair furioso do «café», diz simplesmente:

— Impossível. Tem de ser nas com quatro letras.

Com os cabelos em pé, fazendo um esforço inaudito, gememos:

— Quatro letras? Ponha soda!

«Desta vez é que este se vai» — pensa-se incrédulamente.

— Obrigado. Deve ser essa palavra, sim senhor!

Arrepanhamos os cabelos e lemos mais cinco linhas.

Daí a pouco, nova interrupção.

— Já leu o ultimo romance sensacional de Max du Veuzit?

Pulamos na cadeira. Finje-se que se está concentrado e continua-se a ler. Sabemos que ele espera a resposta. Por isso mesmo é-nos impossível despregar os olhos de cima da mesma linha. E, quando queremos retomar a leitura, é obrigatório voltar ao período que já se havia lido.

A dada altura põe-se de pé. Já um sorriso se nos desenha nos lábios e nos faz estender a mão para a despedida. Mas, ele, apenas chama o engraxador que se aproxima. Senta-se novamente. Nós ficamos tal como se tivéssemos ingerido 2 quilos de pólvora.

O causador da anti-leitura coloca o pé direito na caixa do engraxador e começa a falar com este. Ambos falam pelos cotovelos, pelas canelas, pelos metatarsos. Daí a pouco, ambos conversam conosco. Sentimo-nos atacados por dois lados. É impossível continuar a leitura. Dum lado a soda, do outro, a graxa.

Não se fica nada admirado quando, momentos depois, chega um amigo deste inimigo e se senta com uma sem-cerimónia digna dum doutor numa estrebaria. Nem nos admiramos, ainda, quando chega outro amigo do amigo do inimigo que se senta também — na nossa mesa.

Literalmente bloqueados não há salvação possível. Quatro pessoas que conversam ao mesmo tempo: soda, wiskie, graxa e cocktail.

Ouve-se, agora, nitidamente, o bater, inexorável, do pano, sobre a pelica daqueles sapatos que albergam os pés que trouxeram aquele nefelibata. O ruído do barman, por detrás do balcão, assemelha-se, já, a uma locomotiva. Os sapatos estão engraxados. Quando vamos a fechar o livro o nosso interlocutor, com um gesto de censura, proíbe-nos. Nem se pode fazer a nossa vontade. Nem nos podemos ir embora. Como alguns amigos se tornam inimigos odiosos!

— É só fumar um cigarro — diz.

E começa a fumar um cigarro interminável. Os outros dois cavalheiros — caras de sabão amarelo racionado — consultam um guia dos caminhos de ferro.

As veias dilatam-se-nos. Aquele cigarro que nunca mais acaba faz-nos latejar as fontes. As pulsações aumentam. Fixa-se o cronómetro. Apalpa-se o pulso. Horrível!

Então, por obra do destino, salta-nos à mente uma ideia salvadora. Como os ocupantes da nossa mesa haviam dado pela nossa preocupação, balbuciamos:

— Como me sinto mal! Isto acontece-me frequentemente.

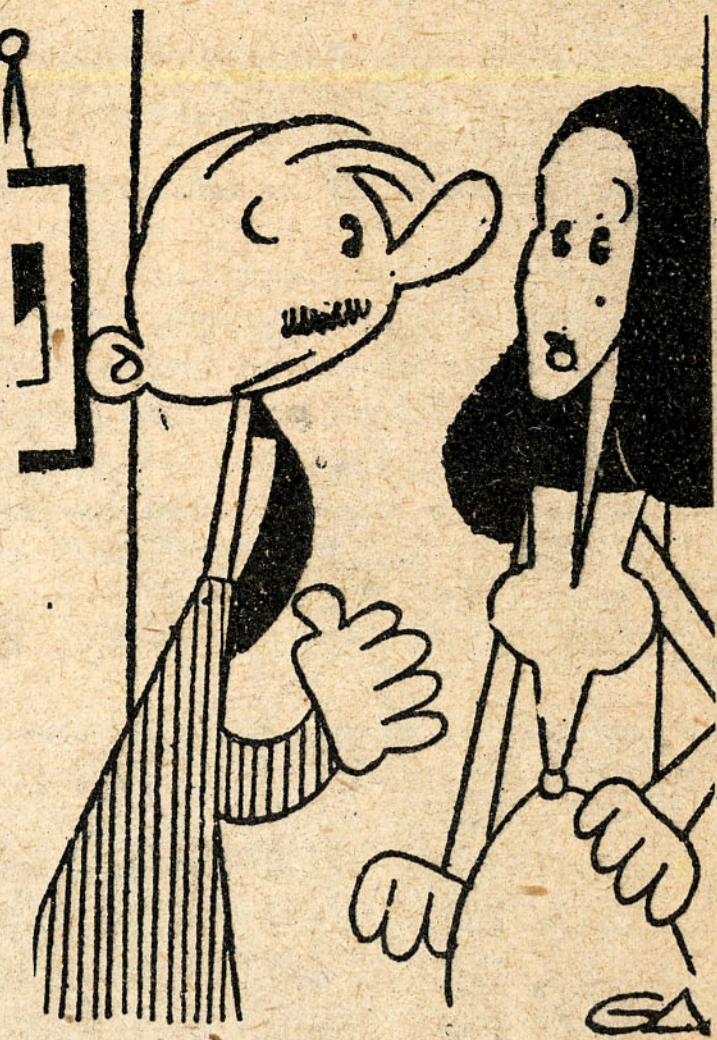
Um febre apanhada no Oriente. Às vezes faço-me roxo e quando a saliva me salta dos cantos da boca dão-me ataques. Parto tudo à minha volta e já não é a primeira vez que mato algumas pessoas!... Creio que isto é contagioso.

Os três homens, que já se encontravam de pé, para fugir, tornam-se a sentar de novo:

— Curioso, muito curioso — dizem ante a nossa estupefacção — conte como apanhou isso. Pertencemos à «Liga dos Coleccionadores de Doenças Contagiosas»...

Sentimos um baque no peito. Agarramos o livro e, a correr abandonamos o «café».

Ao chegarmos a casa dispostos a ler, finalmente, observamos que acaba de faltar a electricidade...



ENTRE NOIVOS

Ela — Acha que devemos casar

Ele — É com quem?



## RISO MUNDIAL

ENCARREGA-SE

DE TODOS OS TRABALHOS

### TIPOGRÁFICOS

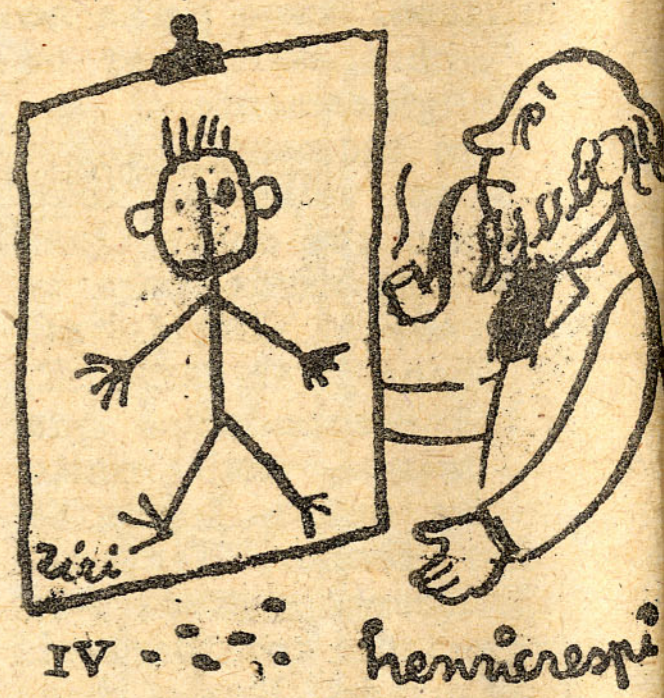
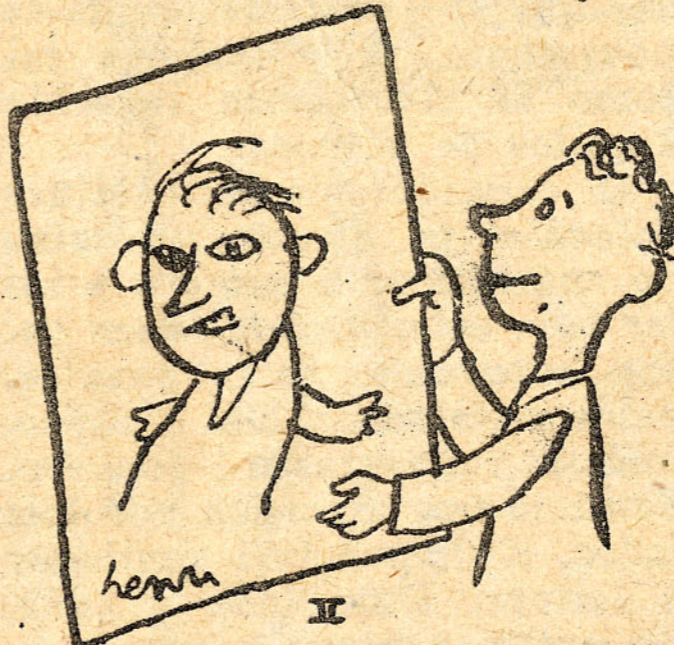
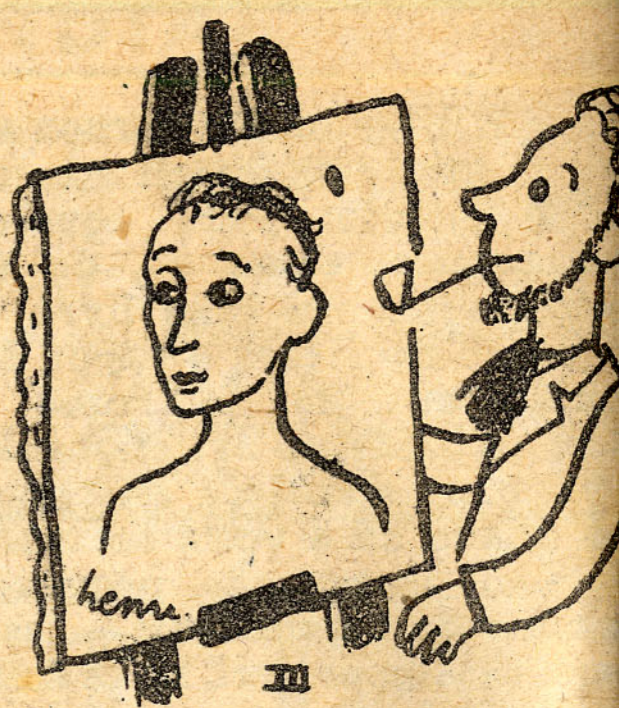
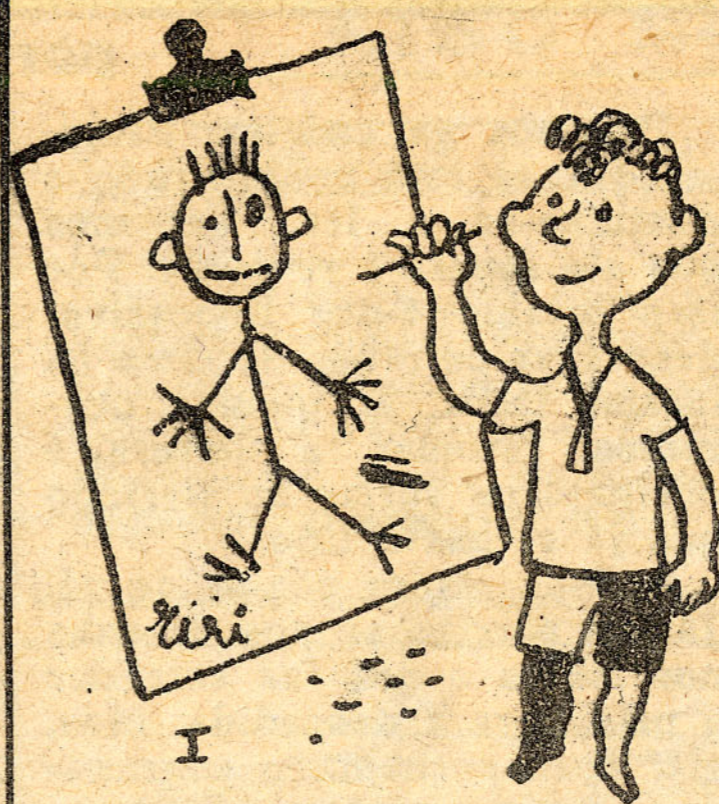
PEÇA ORÇAMENTOS À NOSSA REDACÇÃO

ATENDEM-SE PEDIDOS PARA A PROVINCIA

# A Vida dum Pinto



— E agora falemos dos principais efeitos da corrente eléctrica.



## O ROMANCE DO RELOGIO MÁGICO

pelo campo do que saber pelo jornal das misérias que vão neste mundo e arredores, contudo eu gosto de andar ao par das notícias. Por isso li a secção de anuncios do «Diário de Notícias» e depois dei-te-o fora.

Jantei e a seguir fui ver teatro. O teatro era a Candida Peixeira que estava á espera do marido com um pau, para lhe escovar o fato quando ele aparecesse sem o dinheiro da pescaria.

Ela: Uma mulher corpulenta e cheia de génio.

Ele: Um magrizona e paz de alma.

Quando ele apareceu a cantar a «Rosa arredonda a saia», a Candida Teixeira vociferou-lhe: — Anda cá, meu malandro, que já te arredonda a saia! Foi um espectáculo que agradou em cheio. A boa mulher deixou o marido «a dormir» e foi tão amável que, ainda por cima, o levou ao hospital!

— Bem, mas então o relógio mágico? — perguntou um cadáver que tinha acudido, quando em vida, ao marido da Candida Peixeira.

— O' homem...! Então você não percebeu que essa história do relógio mágico já não se usa? Isso foi só para que lessem este artigo até ao fim! Adeus, passe bem!

António Amaro Amaral

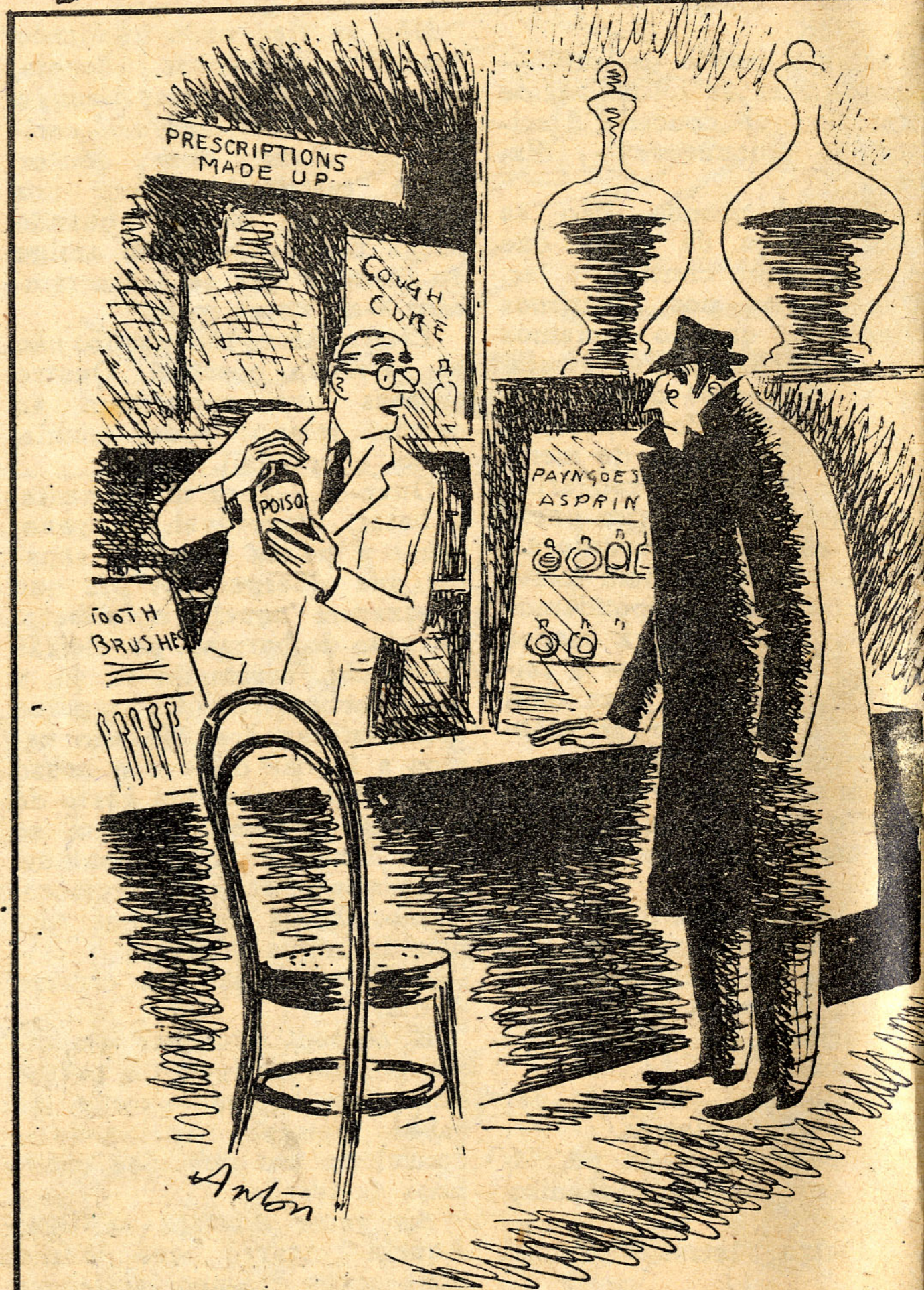
Eram 11 horas, 23 minutos e 18 segundos. Chovia a potes. Ao longe o relógio da torre dava as doze badaladas. Uma mulher açoitada pela chuva que caía inclemente, corria pela estrada fora. Mas, mesmo que fossem 14 horas e o relógio desse as 15, estivesse um dia soalheiro e a mulherzinha estivesse a coser meias em casa, isso nenhuma diferença me fazia, porque áquela hora eu dormia como quando se dorme. Acordei com um apetite devorador. Em cima da mesa estava o jornal da semana passada. Apesar de estar na província, onde apetece mais andar a apanhar grilos



12 NUMEROS - 12,00

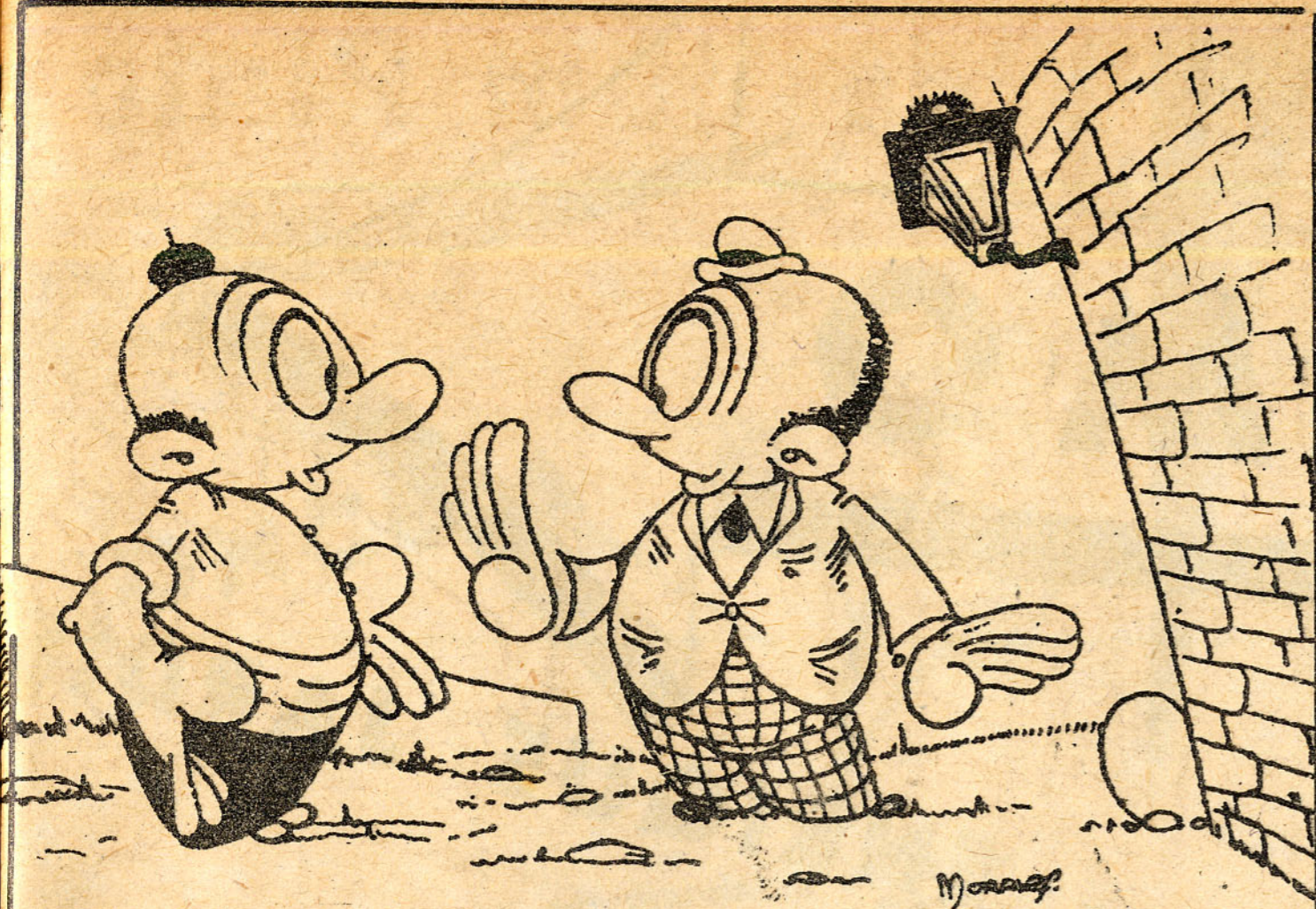
RISO PUBLICA...

... E TODO O MUNDO RI !!!



— Desejava um veneno bastante forte.

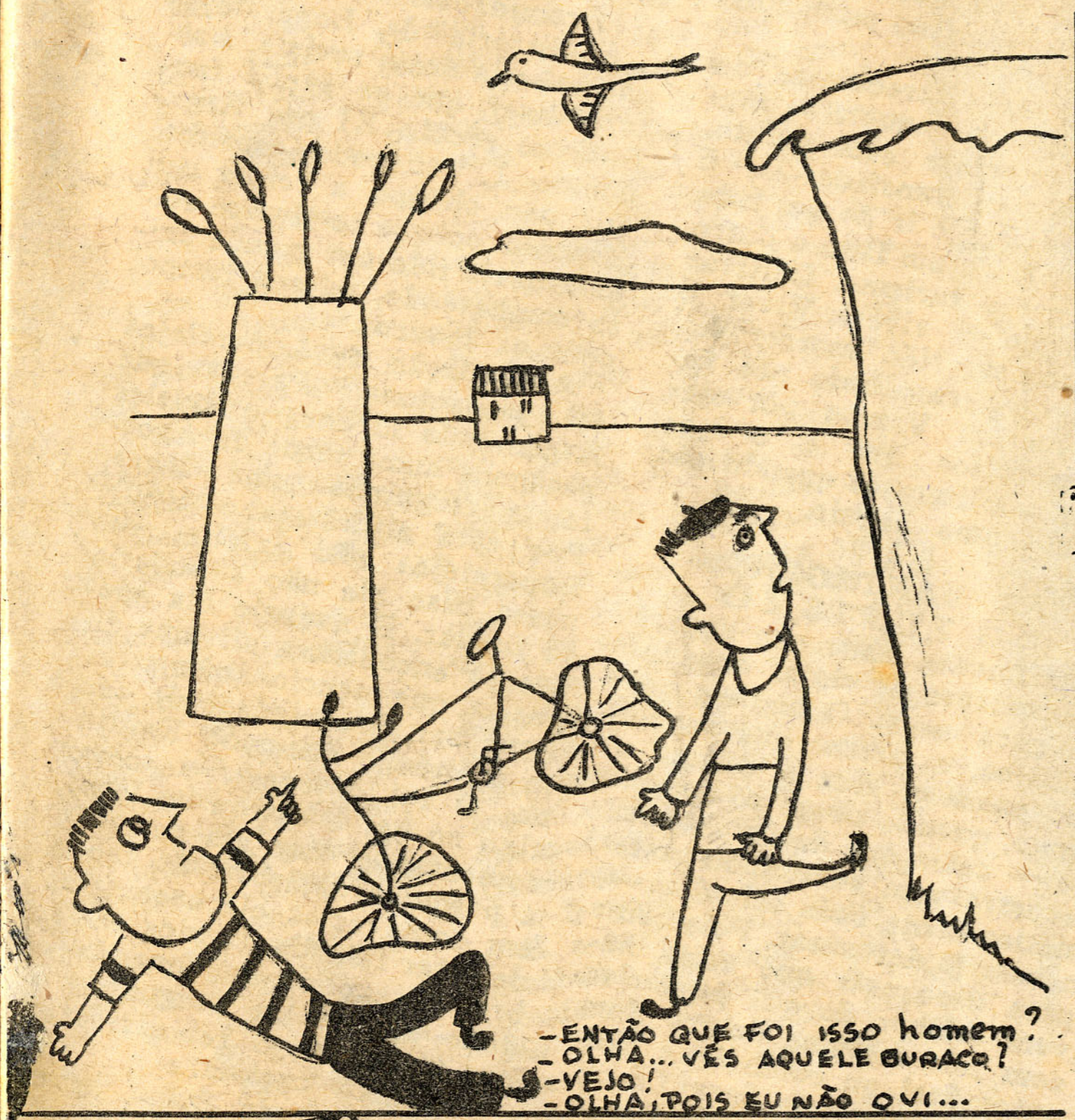
— Quer que o mande a casa, ou toma-o mesmo aqui?



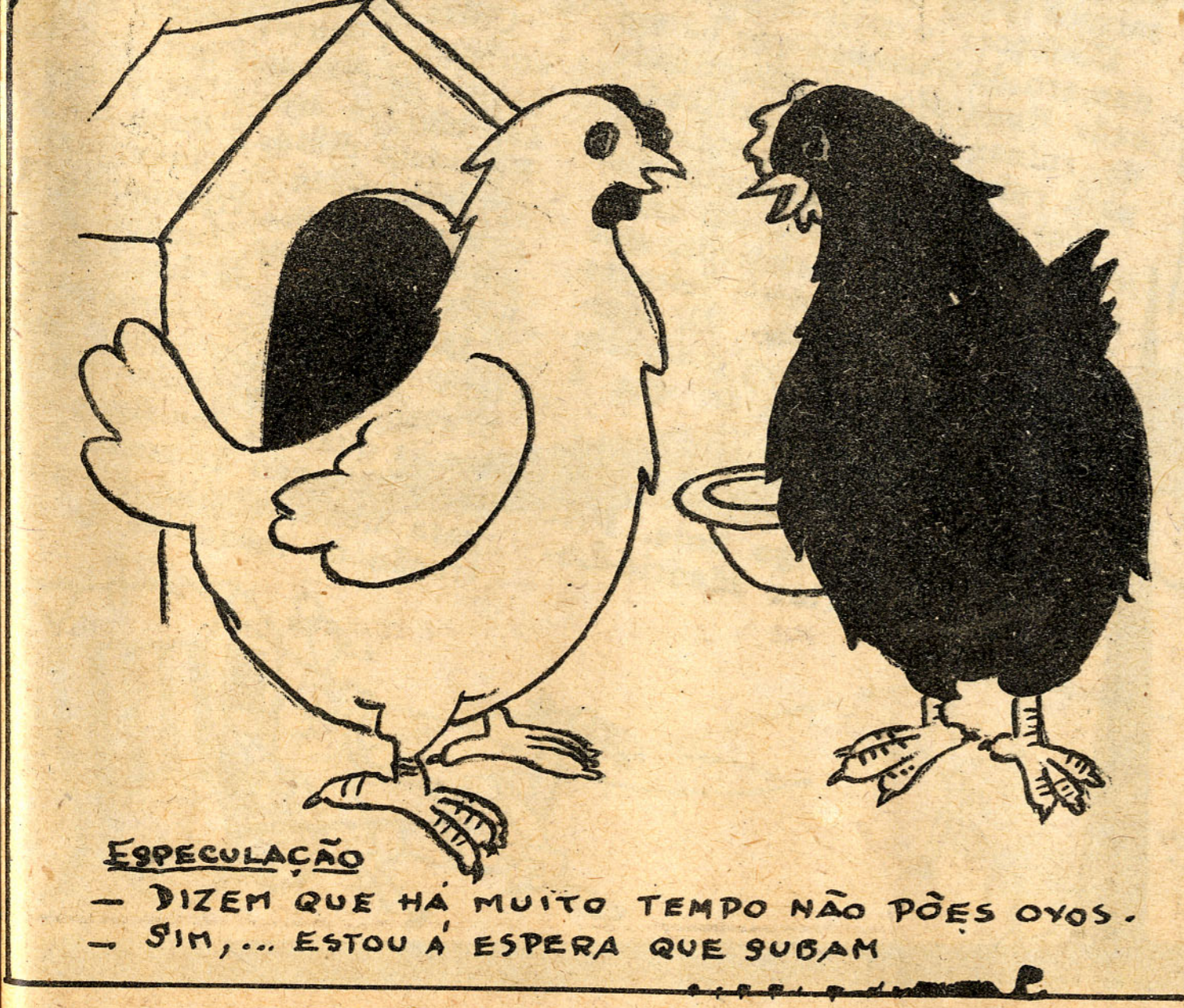
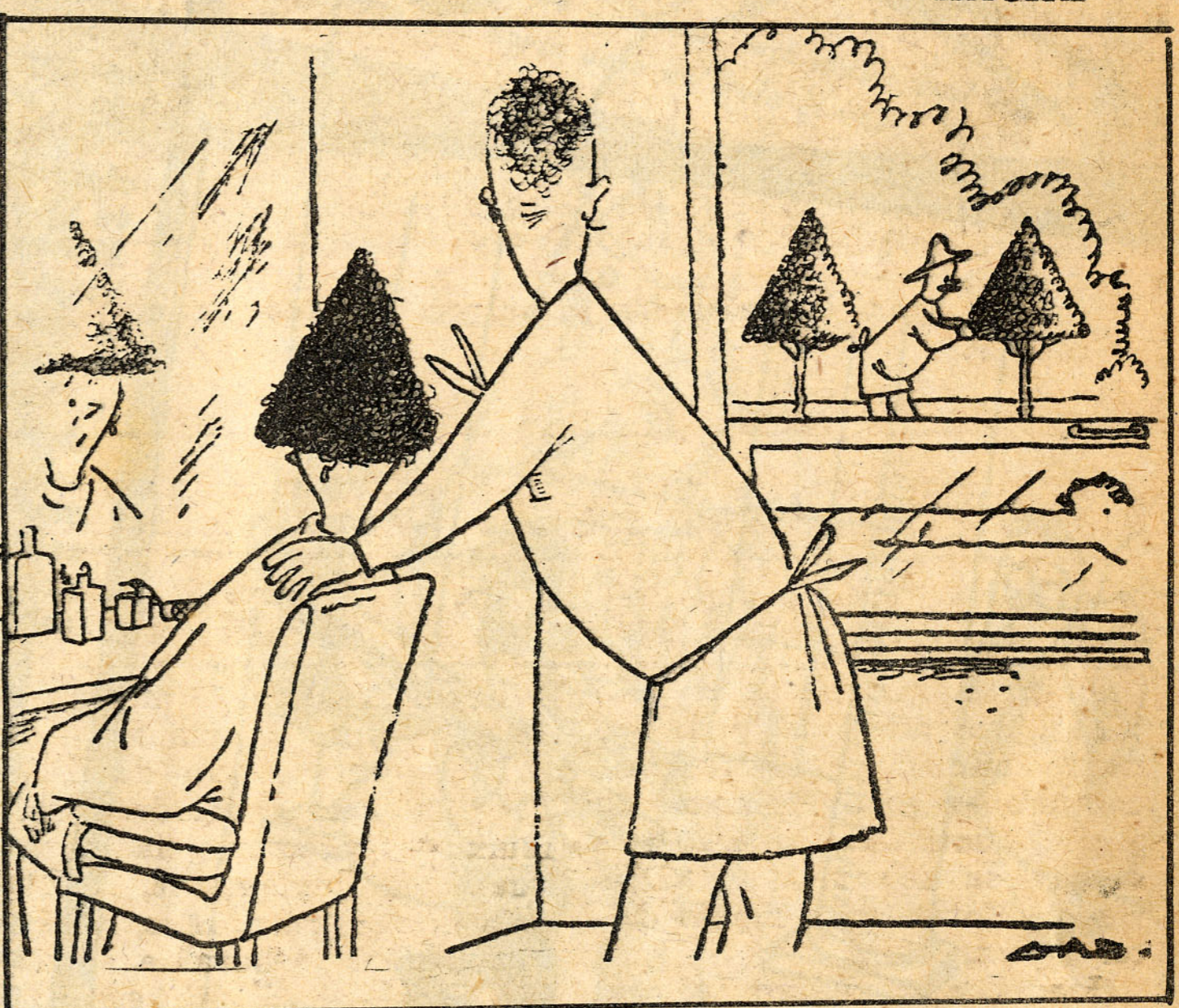
— Não te preocupes com o dinheiro. Pagas-me quando quiseres.  
 — E se eu morrer?  
 — Oh, não se perderia grande coisa!

Num restaurante central, celebrou-se o banquete com que o novelista senhor Colombino obsequiou os nove compradores da sua novela «Quando o comboio chega...», senhores Lópes, Péres, Rodrigues, Garcia, Fernandes e Gomes. Os nove homenageados ocuparam a presidência da mesa e á sua volta sentou-se o senhor Colombino. Na hora dos brindes este senhor levantou-se, como presidente da comissão organizadora dizendo que não era orador mas se sentia no dever de realçar os méritos dos homenageados que, apesar de tudo estar tão caro, não tiveram duvida em gastar quinze escudos cada um para comprar a sua novela que, para mais, não era policial nem nada! Depois, excitou os homenageados a comprarem as suas futuras novelas. A seguir fizeram uso da palavra os homenageados para agradecer. Todos disseram que também não eram oradores. Uns acrescentaram que a homenagem era imerecida porque vinham de viagem e tinham visto a novela na estação; e outros que a tinham comprado muito mais barato, e ocasionalmente, nessas padiolas que há na baixa. Todavia os homenageados saíram satisfeitos do restaurante onde só os lagostins tinham custado ao escritor o preço de cada livro.

HACHE



— ENTÃO QUE FOI ISSO homem?  
 — OLHA... VÊS AQUELE BURACO?  
 — VEJO!  
 — OLHA, POIS EU NÃO OVI...



**ESPECULAÇÃO**  
 — DIZEM QUE HA MUITO TEMPO NÃO PÕES OYOS.  
 — SIM, ... ESTOU A ESPERA QUE SUBAM



— Como não se podem fazer ruídos, arrajámos este novo sistema de sinalização.

# TURISMO

Por ENRIQUE JARDIEL PONCELA

Nós não podíamos pôr de lado a questão importantíssima do turismo. Não podíamos, não.

O homem diferencia-se do cipreste porque aquele se move e o cipreste está quieto. Mover-se é trasladar-se, é viajar. Viajar é ir de um lado a outro. Ir de um lado a outro é cultivar o turismo. Cultivar o turismo é viver. Viver é não morrer. Não morrer é... Em que trapalhada nos fomos meter! Vamos pôr uns asteriscositos que é o que acode aos literatos quando não sabem como seguir.

## AS VANTAGENS DO TURISMO

Realmente, nada nos negará a formosura de viajar dum lugar para outro. O homem que trabalha, o mesmo que aquele que passa a vida a dansar o tango, quando chega ao domingo — coisa que desde a época lacustre vem sucedendo matematicamente cada seis dias —, maticamente, descansar. Pois bem: para descansar que coisa há, verá melhor do que pregar-se com nós mesmos dentro dum automóvel ou combóio e dan-sarmos pelo país fora?!

Conhecer o país é saber o numero de casinhas que há em cada lugarejo, a quantidade de ruínas romanas utilizadas para refugio do gado, etc., etc. Em vista de tudo isto, decidimos publicar, de vez em quando, itinerários turísticos, que permitirão aos nossos leitores viajar com precisão. E, também, conhecer o seu país sem necessidade de viajar, que é muito mais cómodo...

Veja-se o itinerário Madrid-Loperelejos, o primeiro da série, que divulgo hoje. Primeiro itinerário: Madrid-Loperelejos.

**LOPERELEJOS**  
Loperelejos é uma bonita vila que se encontra á direita de outra, junto de uma figueira composta de raiões, tronco e extremidades.

A história de Loperelejos não caberia nesta revista. Bastará dizer que se supõe fundada no século XI por Argamundo I, rei godo espanhol que não chegou a reinar em Espanha porque se tivesse reinado teria tido um grande êxito combatendo, no seu tempo, com os mouros.

A fundação de Loperelejos foi sensacional. Parece que Argamundo II chegou áquelas paragens numa tarde de Agosto, perseguindo uma lebre. Por esta altura (ano 1080), Loperelejos não existia pois nesse caso ele não a poderia já fundar. E' naquele dia apenas se encontrava ali uma fogueira, que mencionámos atrás, e um bar, propriedade de certo individuo chamado Emilia-no. O rei deteve-se a tomar algo no bar e entrou no local, comentando com um cortezão a pesquisa da lebre. Só tendo em conta estas circunstancias de estar falando da caça da lebre, se explica que quando o dono do bar lhe perguntou o que desejava, o rei dissesse:

— Quero caçá-la.  
Coisa absurda numa época em que, efectivamente, se caçavam lebres, mas que, em troca, não se bebia aguardente. Em vista disso, o dono do bar apressou-se a inventar a aguardente e, Argamundo II, em recompensa, fundou o que hoje é a vila de Loperelejos. Desde então, Loperelejos tem prosperado dum modo brutal. As suas industrias entre as quais, a dos figos secos, da fabricação de amas de cria para meninos pálidos e a construção de máquinas de cortar

pestanas, florescem denodadamente. O comércio é tão activo como um veneno indio.

A sua igreja, romanica nos quatro costados sem esquecer o costado do poente, constitui uma super-produção esplêndida. Também soberba é a casa chamada do Fidalgo, toda construída em pedra pomes e que basta alguém se encostar a ela para ficar com o fato limpo.

Uma amostra de arte pura em Loperelejos é, também, o «Casino da Amizade Excessiva», edificio com 13 janelas e com varandas dum alongu-tude tal que dois vizinhos que intentaram percorrer-las, em toda a sua extensão, em 1612, ainda não voltaram. Todavia espera-se que cheguem para a semana, pelo lado oposto donde partiram.

O clima de Loperelejos é ideal para velhos, crianças, doentes e literatos. Usa-se a tudo isto que carece de caminho de ferro; que os seus habitantes são modestos; suas vacas modestas; suas águas líquidas; seus alimentos, sólidos, e compreender-se-á a sua beleza.

## COMO SE VAI A LOPERELEJOS

No caso que se resolve ir a Loperelejos de automóvel, o que primeiro faz falta ao turista é o automóvel e além deste deve levar também um burro, um carro de mão e uma cabra. O carro de mão irá preso ás trazeiras do automóvel. Quanto ao burro e á cabra, podem levar-se perfeitamente no interior do auto. De repente do carro se pôs em marcha segue-se por «La Coruña», depois chega-se á «Costa das Perdizes». Aqui, pode tomar-se um vermute. Pomo-nos de

novo em marcha e passamos por cidades esplêndidas: O «Plantio», «As Matas», «Torrelodones», etc.

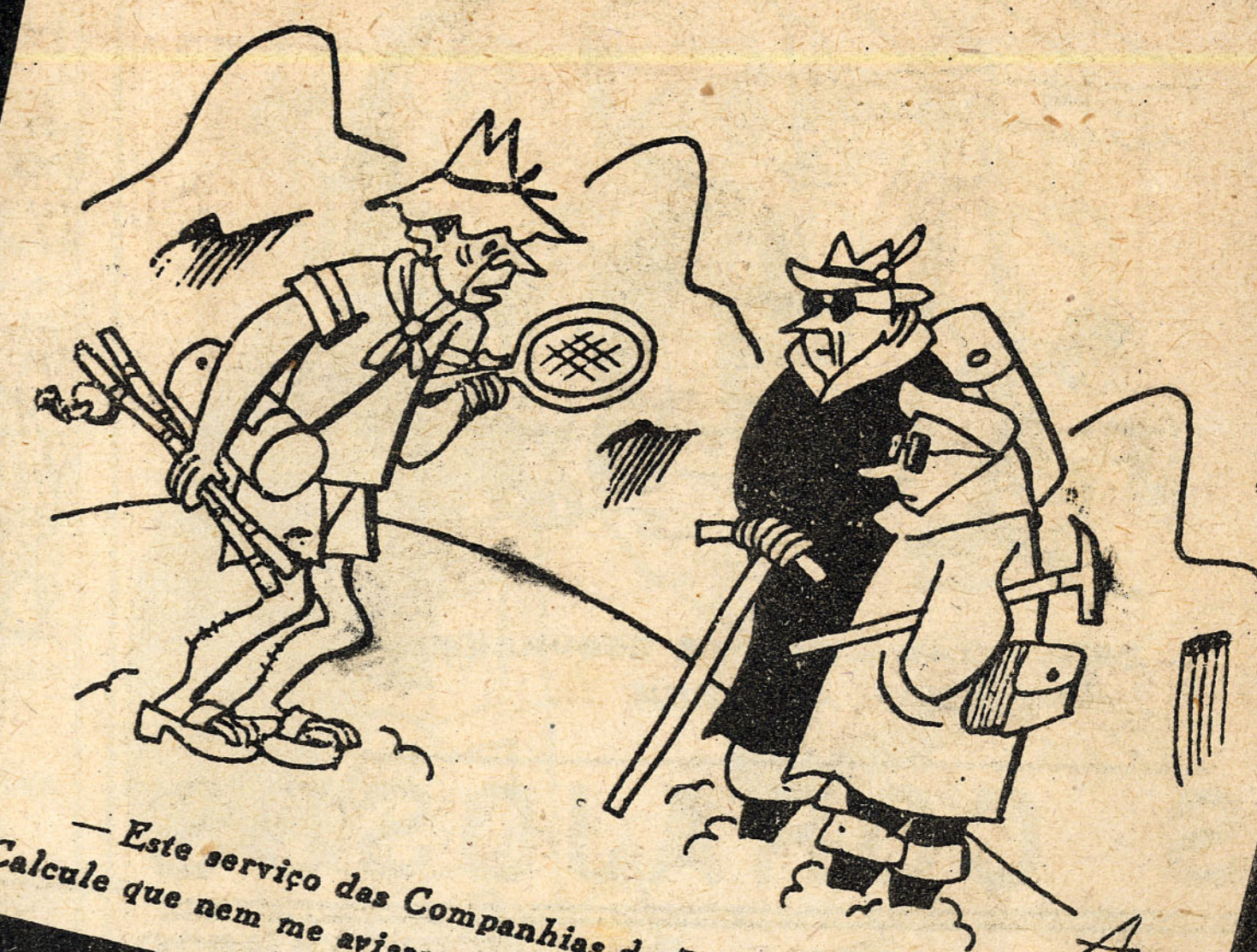
Um pouquinho mais e estamos em «Villalba» — a antiga Nova York dos romanos. Seguimos até «Guadarrama» e, em plena serra torcemos á direita. E' o momento de com-preendemos que o automóvel não nos serve para nada. Então, recorremos ao burro: montamos nele, levando conosco o carrinho de mão debaixo dum braço e a cabra debaixo do outro.

E, assim, subimos a serra pelo espaço de 16 horas. Quando o caminho é pedregoso faz-se uso do carro de mão. E nós e carro de mão, primeiro um e depois outro e vice-versa, deixamo-nos rebolar por uma encosta abaixo que vai dar ao «Vale de Caqui», de vegetação esplêndida. Neste instante, a utilidade da cabra brilha em todo o seu esplendor. Descemo-la cuidadosamente ao solo, amimandamente com heroicas palavras que podemos tirar da História Universal, tais como:

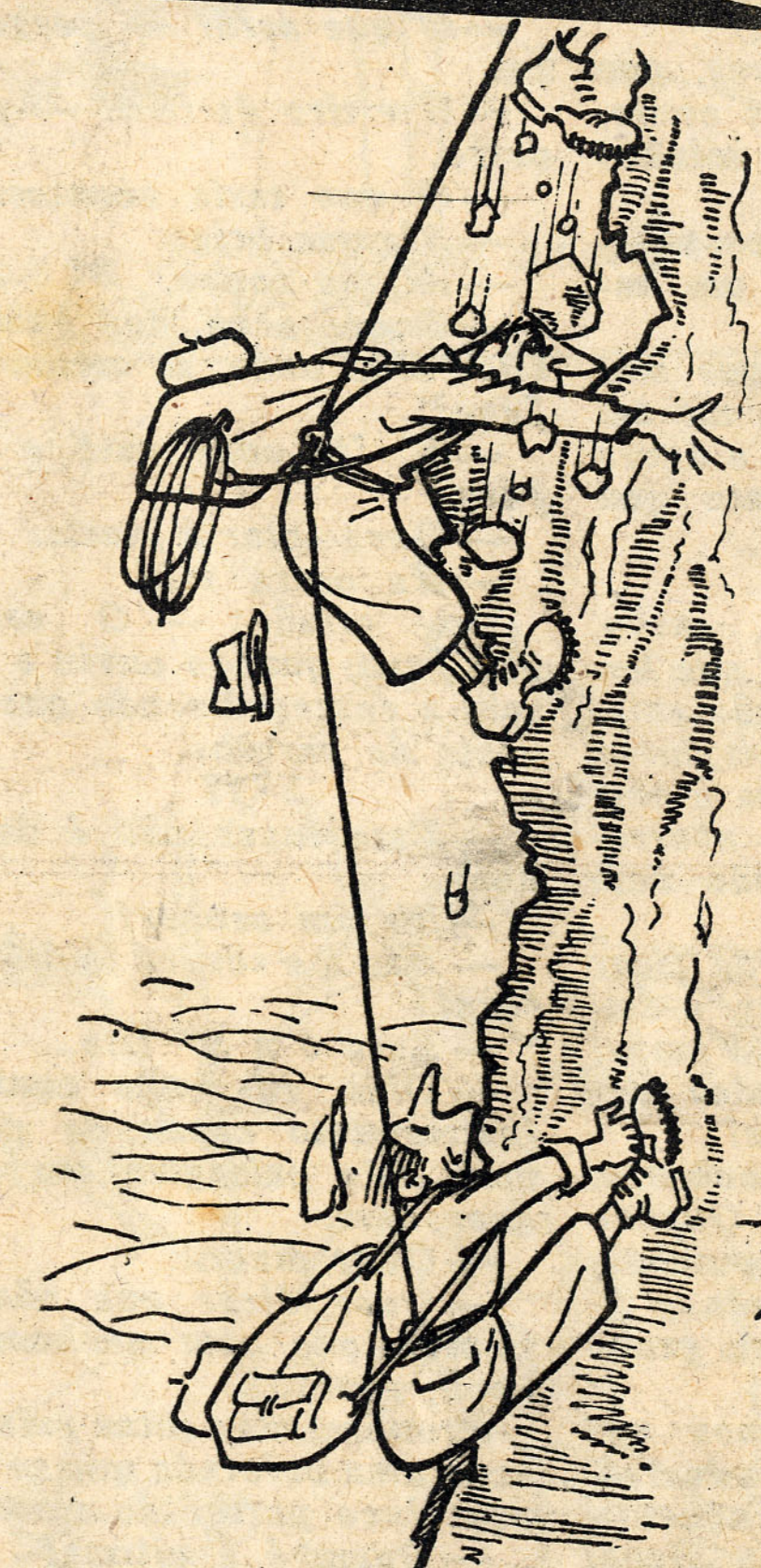
— Depois de nós, o dilúvio. E, a seguir disto, montamos a cabra e trepamos ao alto denominado «Manuel». A ascensão durará 14 dias. Mas há que ter animo; estamos a chegar.

Com efeito, na madrugada do décimo quarto dia veremos uma figueira, um grupo de casas, umas muralhas... Estamos em Loperelejos.

A viagem terminou. Agora poderemos ficar ali, ou voltarmos a Madrid, ou dar um tiro em nós mesmo. Mas o nosso itinerário n.º 1 está cumprido.



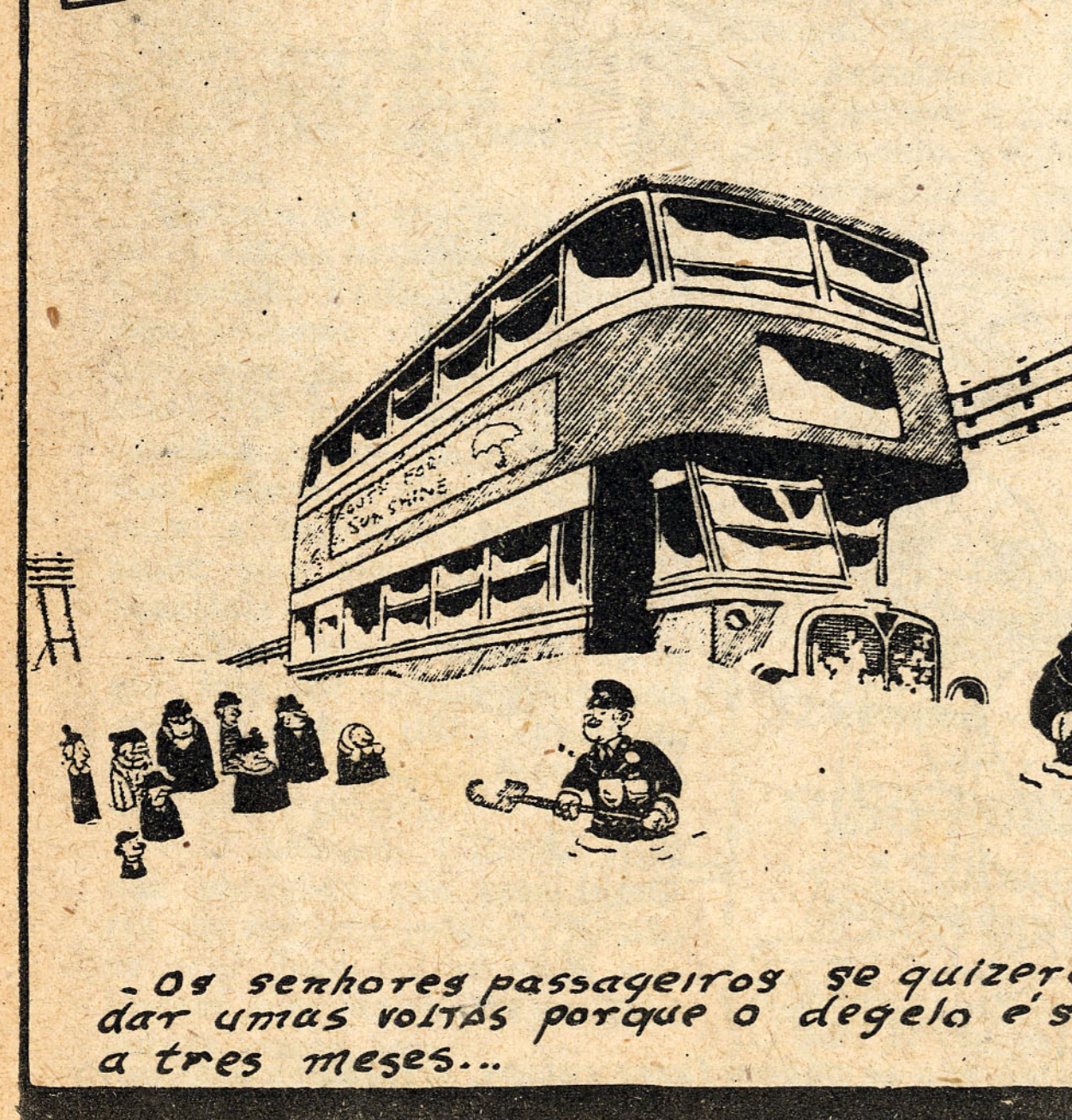
— Este serviço das Companhias de Turismo, está muito mal feito. Calcule que nem me avisaram que havia neve no Polo Norte.



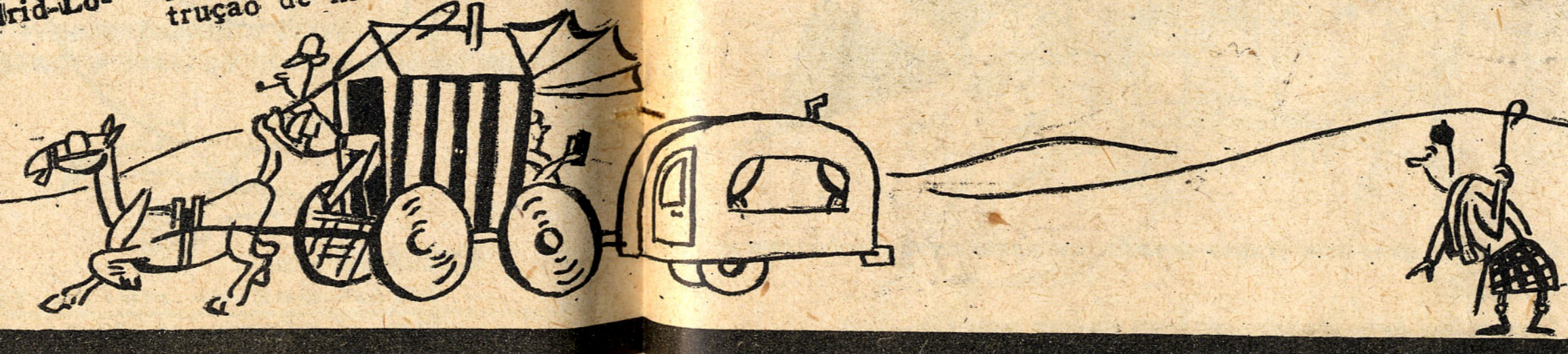
— Isto no século vinte já era para ter elevador!...

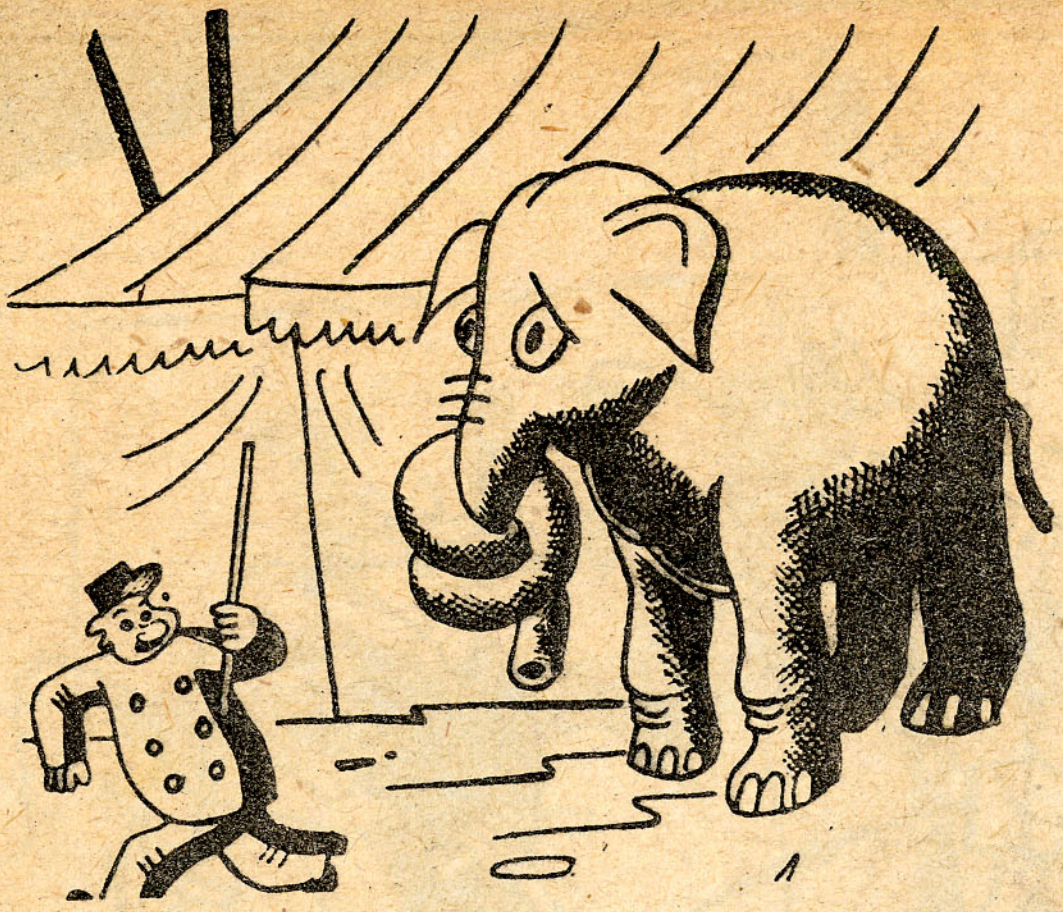


— Fim de semana em Mosca... vide-figura junta



— Os senhores passageiros se quiserem, podem dar umas voltas porque o degelo é só daqui a tres meses...





— ISSO, É TARA NÃO TE ESQUECERES DO QUE TENS A FAZER !...

## OS CORAJOSOS

Por EUSÉBIO BLASCO

— Vamos, don Juan, conte-nos alguma coisa.

— Sim, don Juan, não se faça rogado, caramba!

— Mas, meus senhores, que diabo querem que lhes conte, senão um episódio das minhas campanhas em...

— Isso mesmo. Todos sabemos que o senhor foi um herói!

— Bem! Embora fique mal que o conte eu, nunca me sai pior do que os outros, e agora me lembro de um caso que me aconteceu no ano...

— Como? Como?

— Eu comandava, então, uns vinte homens, mas que homens! Como aqueles não existem mais. — Assim, pois, meus senhores, dávamos caça a certos rebeldes que nos aborreciam, não nos deixando nem dormir, nem comer.

Eu estava cansado de ficar tanto tempo sem atirar, e disse: — «A caminho! Vamos! Hoje é o dia dos grandes derramamentos de sangue!

Parece-me, meus senhores, que ainda estou lá. Quando menos esperávamos, pumba!, caímos numa emboscada e ficámos cercados por um grupo de rebeldes.

Já disse que éramos uns vinte, enquanto os adversários eram mais de cinquenta.

E que tiroteio, meu Deus! Pin, pan, pin, pan, tiros daqui, tiros de lá. E eu que fico com três homens e sem munições!

— E o que foi que o senhor fez, Don Juan?

— Que fiz? Apanhei um fuzil pela culatra e, manejando-o, como se fosse um cabo de vassoura, comecei a golpear de um lado e outro, e em menos tempo do que necessário para se rezar uma parte do rosário, abati dezassete... e os outros ainda hoje andam a fugir.

— Bravo, don Juan!

— Bravíssimo!

— O senhor foi um verdadeiro herói!

Enquanto o grupo aplaude don Juan, ouve-se um tiro na rua.

— O que será? — pergunta um.

— Um tiro de fuzil — grita outro.

— O que teria acontecido?

— Alguma briga.

— Algum roubo.

— O que acha, don Juan?...

Olá! Mas onde, se meteu don Juan?

— E' lá, onde está o don Juan?

— Deve estar á janela.

— Na outra sala.

Um criado: — O senhor don Juan, quando ouviu o tiro, saiu a correr, dizendo que não gosta de barulho.

II

— Este lugar não é do senhor.

— E' sim senhor!

— Não é e «cave» já daí para fora!

— Esta é a 5.<sup>a</sup> fila...

— Oiça, eu tenho aqui um instrumento capaz de pintar uma bela paisagem em qualquer cara.

— Quer dizer...

— Quer dizer que não me impressiono com nenhum imbecil, pronto!

Pronunciadas estas palavras, ecoa uma bofetada que se ouve nas cinco partes do mundo.

— Quem é a vítima?

Quem há-de ser senão aquele que prometia espancar todos?!

III

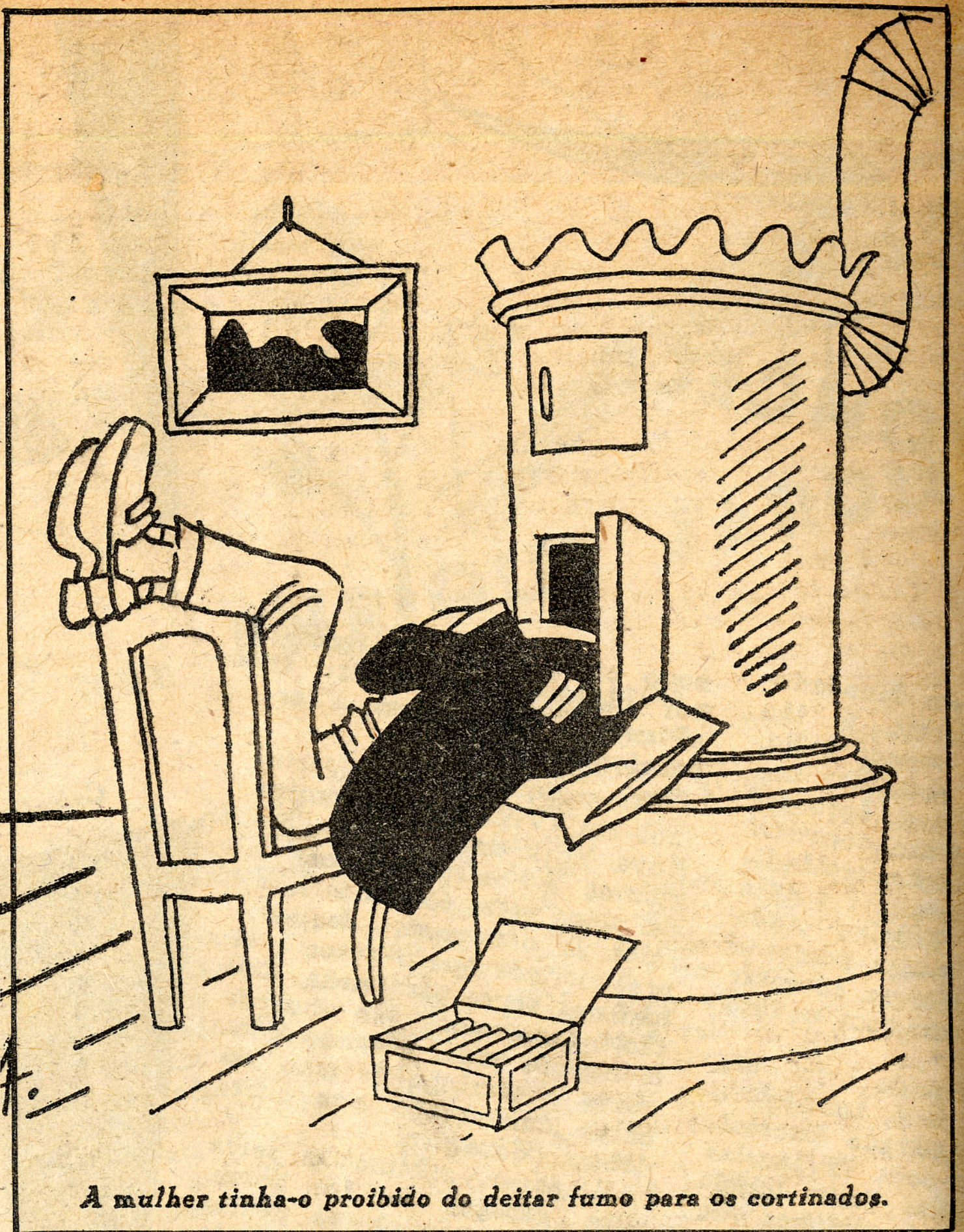
Regra geral — O homem que ameaça não bate. A coragem não se proclama com gritos.

POSTSCRIPTUM

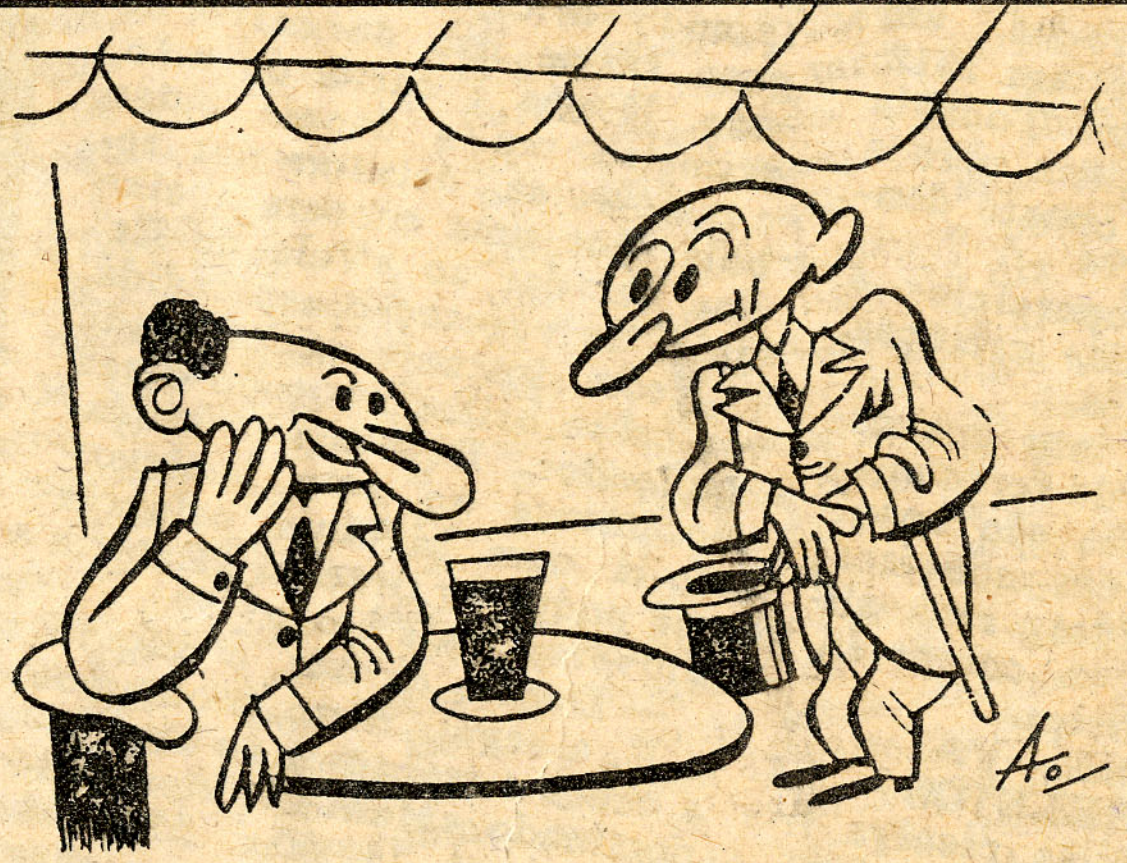
Conheço um homem que nunca fala das suas campanhas e entretanto o numero dos que matou é maior do que o dos cabelos que tem na cabeça. Conta as suas vítimas aos milhares.

— E quem é o herói? — perguntará o leitor curioso.

— E' um médico, meu parente!



A mulher tinha-o proibido do deitar fumo para os cortinados.



— Você, um homem tão chique a pedir esmola?

— Sabe, é que hoje é o dia do meu aniversário.



— O senhor quer um frasco grande ou pequeno da loção que faz crescer o cabelo?

— Quero um bem grande, senhor, eu sou maestro

# O BOM PESCADOR

## O BOM PESCADOR

(Pela madrugada. A' margem do rio).

SR. POMMADE — (Preparando a sua cana de pesca). Diabo! Que vento norte sopra esta manhã! Não são boas as condições para se trabalhar; vou fazer uma pescaria insignificante. Por sorte...

(Mete o anzol na água. A isca afunda-se imediatamente. Puxa com rapidez e tira um peixe).

— E um!

(Liberta o peixe e devolve-o para a água. Feito isto, volta a meter o anzol na água. O mesmo jogo anterior e a reaparição do mesmo peixe).

— E dois!

(O peixe é novamente libertado, restituído á água e outra vez pescado).

— E três!

(O mesmo jogo).

— E quatro!

(De novo o mesmo jogo).

— E cinco!

(Chega o sr. Garrigou. Traz apetrechos de pescador fanático. Cinco caniços de diferentes tamanhos. Traz uma pequena rede debaixo do braço, etc.).

SR. POMMADE — (Que o observou com espanto crescente) Ehl! caro senhor! (O sr. Garrigou levanta o nariz).

Presumo que o senhor não terá a pretensão de tocar no meu braço!

SR. GARRIGOU — No seu braço? Que braço?

SR. POMMADE — No meu braço de rio.

(O sr. Garrigou encolhe os ombros e apresta-se para lançar o anzol).

SR. POMMADE — (Atirando-se sobre o sr. Garrigou) Quer afastar-se daqui?... E depressa!

SR. GARRIGOU — Mas o que lhe sucedeu? Parece um selvagem!

SR. POMMADE — Já lhe disse que se retire.

SR. GARRIGOU — E porque tenho de me retirar? A água é de todo o mundo...

SR. POMMADE — A água é possível; mas não os peixes. (Assombro do sr. Garrigou). Eu aluguei este braço do Marne, á Municipalidade, que fechei com uma sebe em cada extremo, para que o meu peixe não se escape. Parece que não se acredita quando lhe

POR

COURTELINE

digo que o peixe é meu. Alterando-se pouco a pouco). Um peixe que eu próprio compréi no mercado; que eu próprio trouxe num regador e que eu próprio deitei á água para ter o prazer de pescá-lo de seguida. Não é meu o tal peixe? Um peixinho que alimentei com as minhas próprias mãos! Um peixe que o pescou e torno a pescar há 3 anos até 30 ou 40 vezes por dia, e, como já me conhece, se deixa pescar muito satisfeito. Não é meu o tal peixe?

SR. GARRIGOU — Mas, diz o senhor que...

SR. POMMADE — O senhor ainda não está convencido? Bom; pois tenha o trabalho de olhar um pouco. (Aproxima-se da água, coloca a mão em forma de busina sobre a boca e chama com uma voz retumbante): Augusto!

(O peixito apresenta-se logo e faz com a cabeça um sinal amistoso).

SR. POMMADE — (Triunfante) Não é meu o tal peixe?! (Desdenhoso). Não sei para que me arrelio tanto; agora, se o sr. quiser, pode pescar o meu peixe. Sim, pesque-o um pouquinho, para que se convença.

SR. GARRIGOU — Pescá-lo-ei, sim, quero.

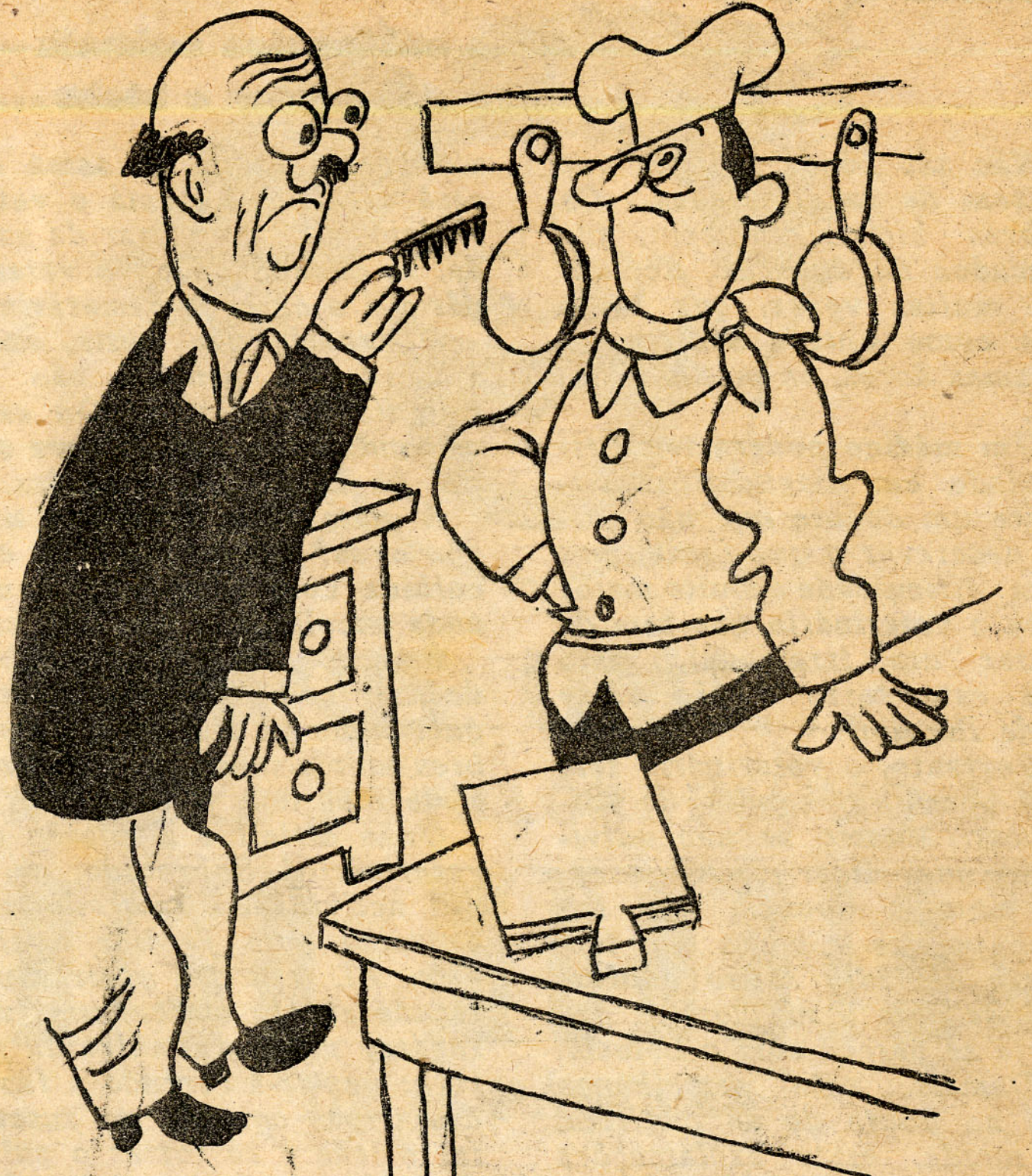
SR. POMMADE — Pois sim, bem; pesque-o, o senhor.

(O sr. Garrigou, alterado, atira o anzol. O mesmo jogo do princípio. A isca afunda-se. O sr. Garrigou retira apressadamente o anzol e tira o peixe. Porém, este, vindo com quem tem de se haver, desprende-se precipitadamente e volta ao seu elemento natural, manifestando um profundo desgosto).

SR. POMMADE — Viu? Que tal? Já se convenceu?

SR. GARRIGOU — (Estonteante) Mas, mas, mas...

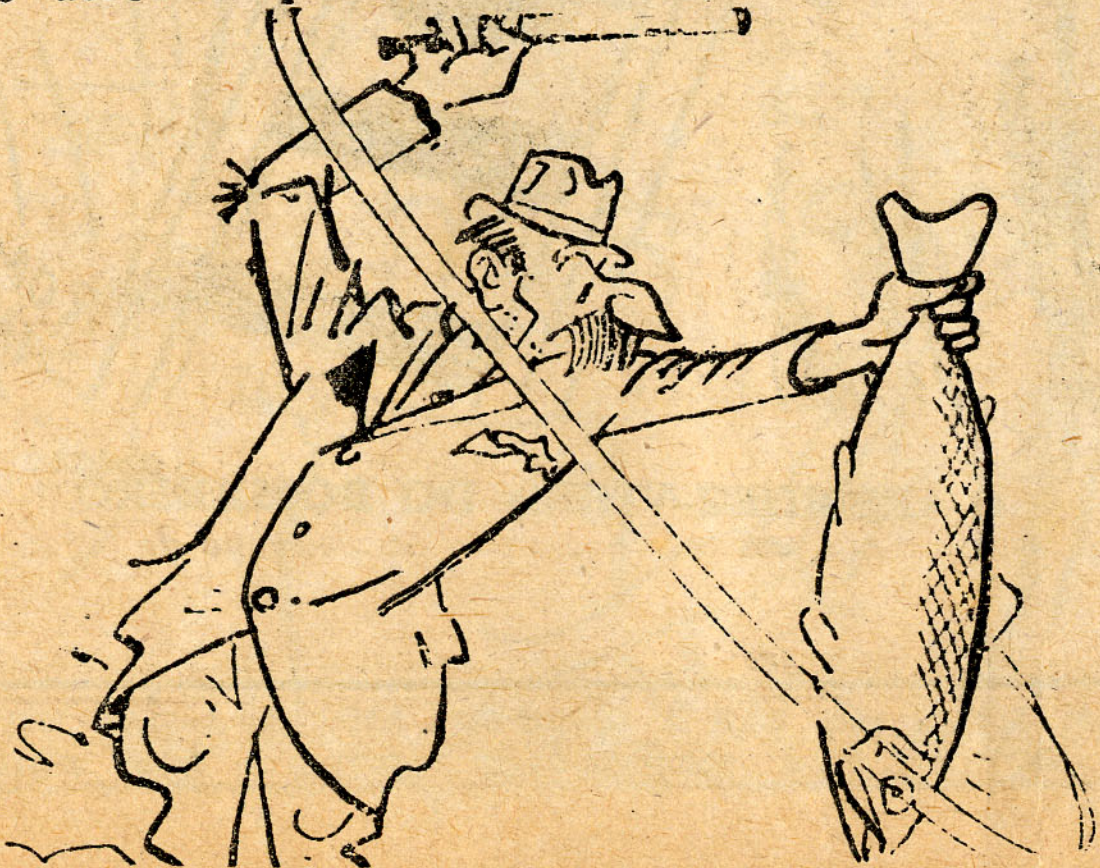
SR. POMMADE — Não há mas nem meio mas: deixe-nos em paz, a Augusto e a mim. Bom. Já temos conversado muito. Agora abra bem os olhos: se algum dia o senhor se atrever de novo a pôr a mão no meu braço levará um pontapé!



- QUE DIZ VOCÊ DO FREGUEZ QUE RESTITUIU ESTE PENTE QUE ENCONTROU NA SÓPA?  
- É UM HOMEM HONESTO!



- LIVRA ... ESTE TERRENO É DURO: HÁ QUINZE DIAS QUE ANDAMOS NESTA FAINA E NÃO CONSEGUIMOS AINDA NADA!





# Um artigo científico

— Como cuidar dos animais —  
... para não matar o bicho ...

Não são só os homens que sofrem de enfermidades. Os pobres bichos também são atacados de doenças. Acontece, muitas vezes, que tanto uns como outros sentem as mesmas dores, os mesmos males.

Um médico poderá ter dificuldade em diagnosticar perante um doente que não saiba descrever o que sente, mas essa dificuldade é muito maior para o veterinário que tem de tratar um irracional, visto que este sofre e não «diz» onde lhe doi.

Portanto, o veterinário tem que possuir o condão de adivinhar. Mesmo se não adivinhar, quer dizer, se não acertar com a doença, não faz mal, porque o bicho não tem outro remédio senão conformar-se com a sua sorte. Até nisto se parece com o homem.

Demais, esta semelhança vai ao ponto de se ouvirem, a miude, estas exclamações que julgamos dirigidas a irracionais e se referem a pessoas mais ou menos conhecidas:

- Que grande camelo!
- Sempre me saíste um melro!
- Não sejas urso!
- Cala-te, meu burro!
- Olha que pardalão!
- O' sua besta!
- Etc., etc., etc...

Por estas e por outras é que devemos ser compassivos para com os pobres animais. Cuidemos deles, pois, com todo o carinho.

O nosso «Nero» anda com os olhos febris e as orelhas murchas? Levemo-lo ao veterinário e se este disser que o cão tem uma pneumonia, tratemo-lo com todo o desvelo. As papas não se fizeram para outra coisa.

O «Tareco» não mia e custa-lhe a alçar a cauda? Vá de investigar o motivo... Será

um forte ataque de asma ou será velhice? Lá está o veterinário para lhe tratar da saúde. E quando não é o veterinário é a carroça camarária...

O canário não canta, anda a perder a pena e não se aguenta no poleiro? Ou está na muda e precisa de uma série de raios ultra-violetas.

A pata tem soluços e não põe ovos? E' porque anda encolhida com o frio. E como anda encolhida, o ovo não sai.

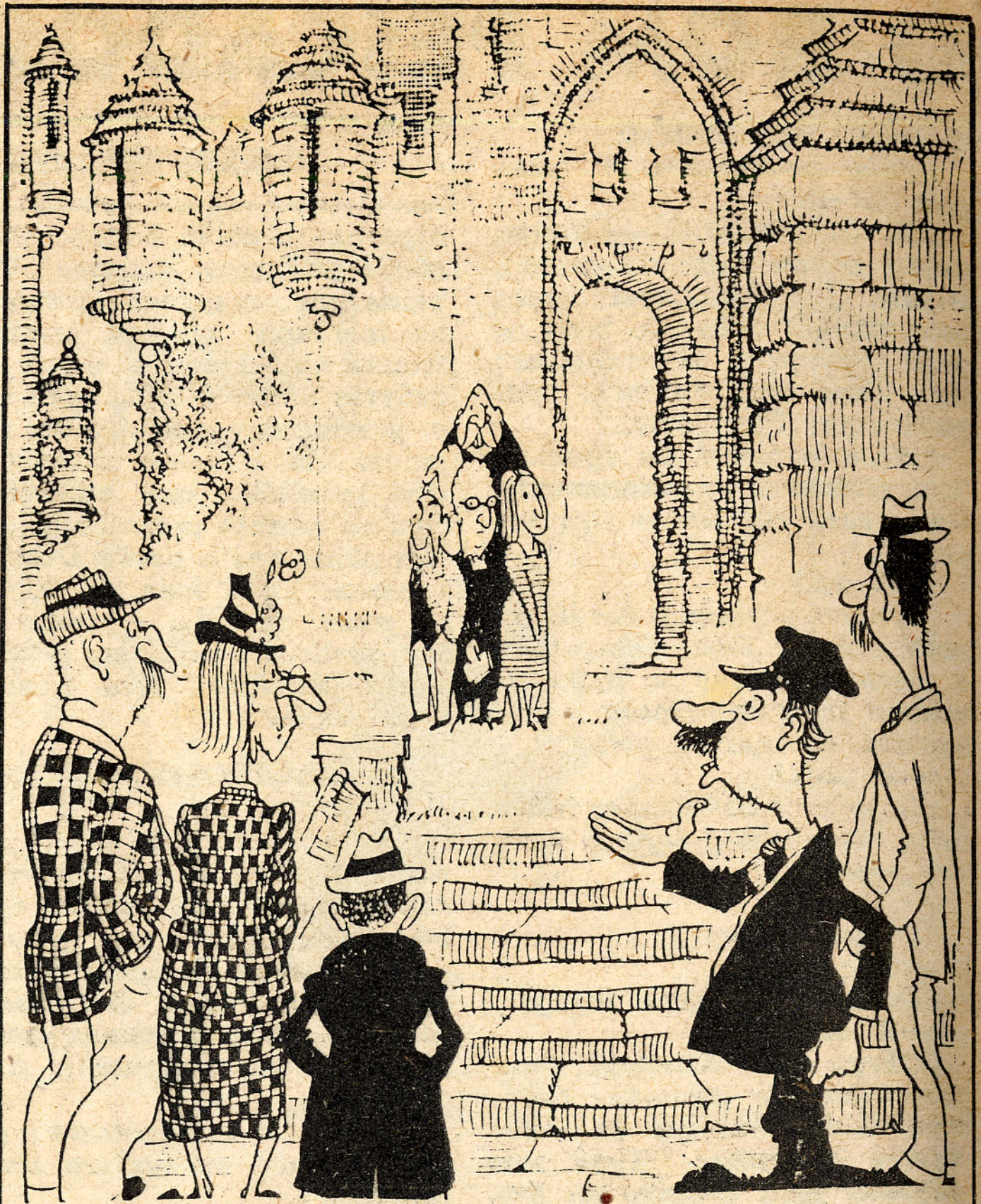
Como vêem, é preciso saber deduzir com facilidade, visto que, como já dissemos, os pobres animais não podem dizer onde lhes doi.

Quão difícil é a missão do veterinário! Sobretudo, se a sua actividade tiver de ser exercida num Jardim Zoológico. Aí, terá que subir a um escadote para aplicar uma zaragatoa nos gorgomilos da girafa; ver-se-á forçado a fazer das tripas coração ao auscultar o leão e ao tomar o pulso do chimpanzé; sentirá calafrios ao desencravar uma unha do leopardo; ficará sem pinga de sangue ao espremer um quisto na cabeça do urso, etc., etc.

Há quem diga que alguns animais são mais fáceis de tratar que certas pessoas. Assim é, de facto. Na minha longa carreira de veterinário tenho notado, por exemplo, que há cavalos que relinham com dores mas não escouceiam, ao passo que existem criaturinhas que, mesmo sem estarem doentes, gritam que se fartam e fazem o resto com um desembaraço espantoso!

Enfim, sejam sempre compassivos para com os animais que sofrem e aturem com resignação as taras dos nossos semelhantes que só sabem fazer sofrer os outros...

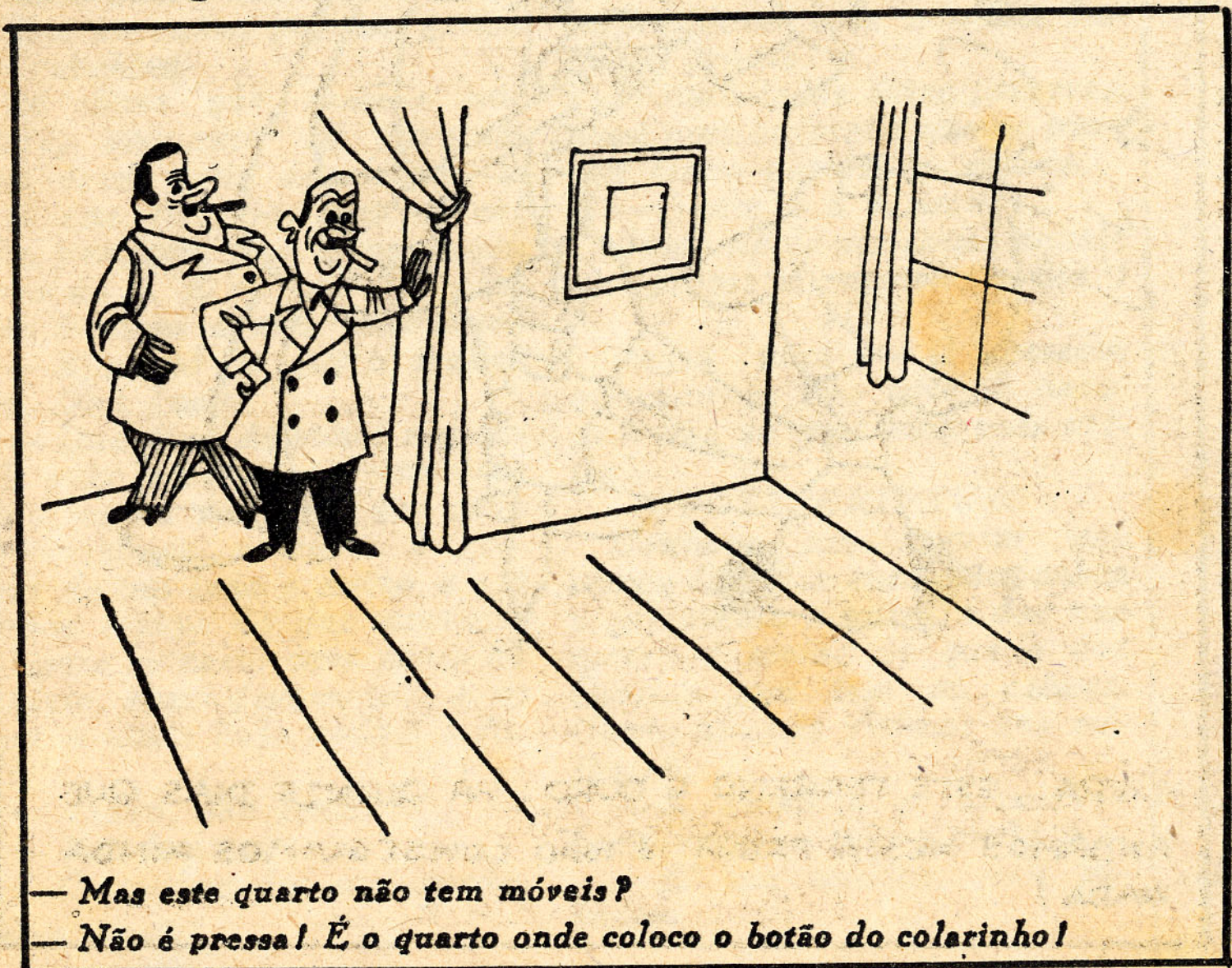
DR. LEÃO (da Estrela)  
Membro da «Liga Pro-Bicho»



— A família que estão vendo mora numa destas pequenas torres!



O «RENDEZ-VOUS» DO BOMBEIRO



— Mas este quarto não tem móveis?  
— Não é pressa! É o quarto onde coloco o botão do colarinho!

# GRANDE CONCURSO DE QUADRAS HUMORÍSTICAS

Nos tempos que vão correndo  
Há des... graça ao desbarato,  
Quinhentos com mais quinhentos,  
Leitores, eu compro um fato.  
**DU DELONGO RAFAEL**

No mar apanhei um *buzio*  
Em cima da cama o *puzio*.  
Minha mãe deitou-o fora,  
O que foi um grande *abuzio*.  
**MANUEL JULIO SA DA SILVA**

Fui um dia p'ra cabine,  
Um *talifone* pedi...  
Esperei, mas, azar,  
Vim-me embora e não fali...  
**J. S. DIAS**

Supondo a *segra* em perigo  
Com uma constipação,  
O genro, seu bom amigo,  
Comprou-lhe logo o *caixão*!  
**CARLOS CORDEIRO**

Tenho fome no cabelo,  
Dor de dentes no *cachaço*,  
Amargam-me as *sobrancelhas*,  
Não vejo nada dum *braço*.  
**MARIO C. SARMENTO**

A mulher p'ra ser bonita  
Tem que ter as pernas *tortas*  
Um nariz de metro e meio  
E uma *corcunda* nas costas.  
**MARIO C. SARMENTO**

## ≡≡≡ **Aí vai a resposta** ≡≡≡

**Francisco Duarte Simões** —  
Pode enviar as quadras, quan-  
do quiser.

**Jorge de Sousa** — O seu  
conto tem pouca graça e visa  
um assunto que não merece  
graça. No que respeita às  
perguntas que faz, só lhe po-  
deremos responder pessoal-  
mente, ou pelo radar.

**Luís Rodrigues (Ponto)** —  
Creio que já se respondeu  
nesta secção ao conto «As  
meninas do século vinte».  
Também creio ter dito que o  
trabalho tinha os seus «quês».  
Ai os «quês», meu amigo, os  
«quês»!

**Américo José Girio** — Apa-

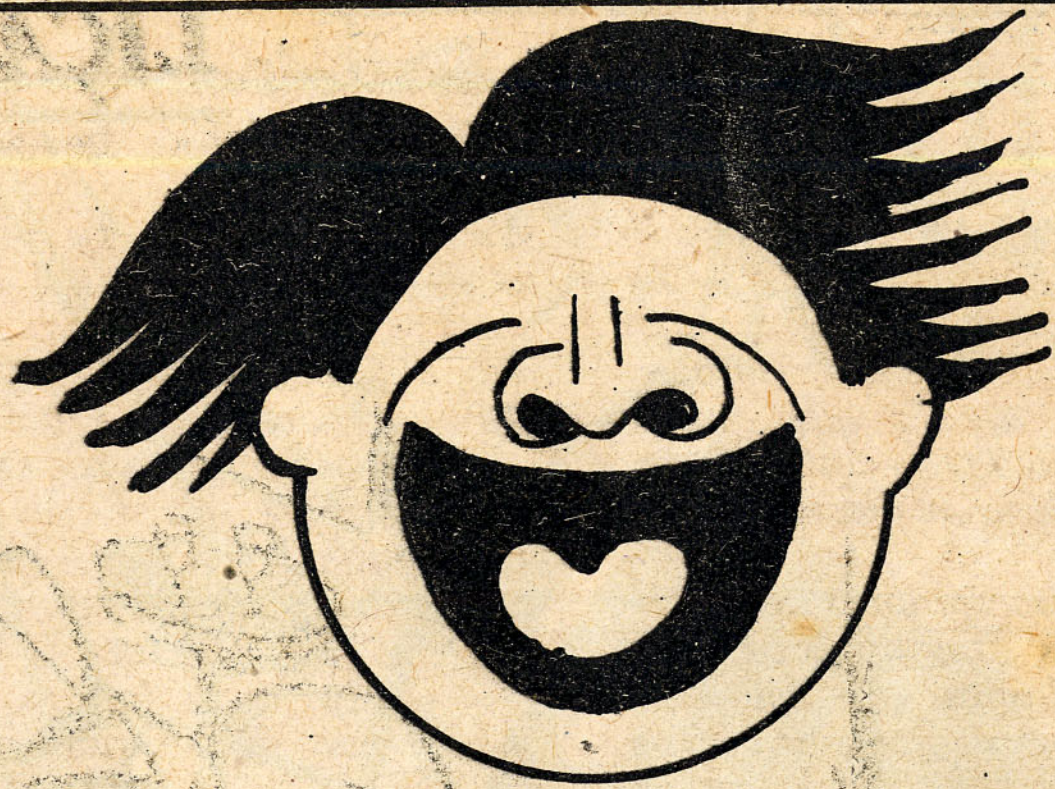
reça, para conversarmos acer-  
ca dos nabitantes da Lua e da  
desintegração do átomo. Cum-  
primentos e Saramago.

**Artur Vieira** — «Isto acon-  
teceu num «eléctrico», depois  
duns cortes — porque está  
muito comprido — será publi-  
cado. Tem bastante piada. E  
a seu tempo virá á luz... O  
seu original anterior não foi  
atirado pela janela. O nosso  
director é incapaz disso e,  
além de não ter janelas, pois  
ele não é nenhum prédio, tam-  
bém não vê a colaboração...  
para mal dos meus pecados!

**Josué** — Obrigado pelas pa-  
lavras que nos dirige.



- VOU DAR-LHE UMA INJEÇÃO E NÃO VAI DOER NADA!  
- DIGA ISSO A OUTRO. EU TAMBÉM SOU MÉDICO...



**MAIS UM!...**  
NÚMERO EXTRAORDINÁRIO DE  
**RISO MUNDIAL**  
DE 44 PÁGINAS

**COMPLETAMENTE**  
**Grátis**

PARA TODOS OS SEUS ASSINANTES  
ESTARÁ ESPALHADO BREVEMENTE  
POR PORTUGAL INTEIRO

**MAIS UM NUMERO ESGOTADO**

MAIS UMA CONFIRMAÇÃO  
DE QUE QUANDO

**“Riso” publica...**  
**todo o mundo ri!**

SE AINDA NÃO FOR ASSINANTE INSCREVA-SE  
ENQUANTO É TEMPO PORQUE BREVEMENTE  
MUITAS E MUITAS MAIS REGALIAS SERÃO  
ANUNCIADAS.

BASTARÁ UM POSTAL COM

NOME, MORADA E...

... SARAMAGO

# LIÇÃO DE BILHAR

